

AS REDES SOCIAIS E A GESTÃO DA INDISCIPLINA ESCOLAR: UM ESTUDO DE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Icaro Arcênio de Alencar Rodrigues¹; Maiara Maria Bezerra²

(Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – Câmpus Campina Grande, kikoicaro@hotmail.com¹; maiarajuncopb@hotmail.com²)

Resumo: Comportar-se de modo indisciplinado é um fato comum nas instituições de ensino e influencia a vida educacional. Neste âmbito, percebe-se que as redes sociais também são ambientes propícios a conflitos. Portanto, este trabalho objetiva investigar, com uma revisão bibliográfica, a relação entre redes sociais e indisciplina escolar. Para tanto analisou-se 23 fontes de pesquisa, incluindo livros, artigos de revistas eletrônicas e de Anais de eventos e documento institucional. Tendo como base a premissa que a gestão da indisciplina é uma ação pedagógica pertinente à instituição escolar, a literatura aponta que as redes sociais, apesar de inúmeras vantagens, podem ocasionar influência negativa na conquista acadêmica, além de prejudicar o processo de atenção dos estudantes, provocando dependência destas redes, distração, declínio no hábito do estudo; assim como vulnerabilidades à saúde na adolescência, como o consumo de drogas e a violência. Assim, considera-se que as redes sociais precisam ser alvo da gestão disciplinar, já que frequentemente os jovens passam uma grande parte do tempo nestas e, além de ser um espaço de socialização e aprendizagem, também pode ser um ambiente onde agressões ocorram. Então, avalia-se que o mal uso do tempo e agressões ocorridas em espaços virtuais interferem na vida dos jovens e, conseqüentemente, também atingem na vida escolar. Para tanto, sugere-se uma investigação sobre a associação entre redes sociais e aprendizagem e esta se faz pertinente, já que encontrar formas de uso das mídias sociais como meio de potencializar a aprendizagem intelectual e emocional se constitui uma tarefa de humanização da escola.

Palavras-chave: indisciplina escolar, redes sociais, gestão da indisciplina.

1 Introdução

Comportar-se de modo diferente das regras de convivência e pedagógicas é um fato comum nas instituições de ensino e exerce influência sobre a vida educacional. Neste quesito, Vasconcellos (2009) destaca que o tema disciplina escolar é presente na vida dos pais, estudantes, professores, gestores educacionais e na mídia, assim como, representa uma das maiores reivindicações de professores para capacitação no que tange à formação continuada.

Neste sentido, o *bullying* pode ser considerado um exemplo comum de indisciplina escolar que interfere de maneira significativa na vida acadêmica dos estudantes.

Oliveira et al. (2017), descreve os resultados de uma pesquisa com 480 discentes do ensino médio cursistas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso – Campus Cuiabá - Bela Vista (IFMT), cujo objetivo foi identificar e analisar as ocorrências de *bullying*, a partir das práticas discursivas dos estudantes. Nesta, observa-se o sofrimento de alunos vítimas de *bullying* devido a vários motivos: por não apresentarem um corpo “perfeito”, pela cor da pele, pela orientação sexual, pelas condições socioeconômicas ou por alguma deficiência. Como consequência os estudantes

pesquisados apresentaram sentimento de rejeição e até o desejo de sair da escola, além da baixa motivação em estudar.

O autor acredita que é preciso pensar em um modelo educacional que deixe de reproduzir a lógica de exclusão, pois o *bullying* no contexto da escola compromete a inclusão educacional e a qualidade de ensino, já que os conflitos referentes às diferenças ganham contornos mais expressivos no espaço da escola e conseqüentemente comprometem o ambiente familiar que é o espaço de anuência das transformações e diferenças. Por essa razão o ambiente escolar deve buscar alternativas para que deixe de apresentar injustiças e passe a ser um ambiente de mudanças significativas. Ainda relata que os próprios alunos sugerem medidas para acabar com essa atitude, que vão desde os castigos mais severos a campanhas que trabalhem o problema de forma esclarecedora e objetiva com todos os envolvidos/afetados na suposta discriminação (OLIVEIRA, 2017).

Surge, portanto, a necessidade de se discutir sobre a gestão do comportamento no espaço escolar. Neste contexto, Gotzens (2003) afirma que a disciplina escolar contribui tanto para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, quanto para o convívio social, em situações que transcendam o ambiente escolar. Corroborando com essa ideia, Bauman (2007) ressalta que o individualismo propicia a frouxidão dos vínculos humanos, de modo a dificultar a solidariedade e as virtudes morais que estão associadas e esta prática de vida coletiva.

Observa-se que não somente de modo presencial ocorrem dificuldades de ordem disciplinar, mas também na distância física que os ambientes virtuais propiciam, como no caso das redes sociais. O progresso tecnológico da telefonia móvel que possibilitou o desenvolvimento dos *smartsphones* e a popularização da *internet*, além da gratuidade do acesso às redes sociais, permitiu que estes espaços virtuais reunissem muitos usuários e se tornassem um ambiente de socialização.

Neste sentido, as Redes Sociais se apresentam como espaços informais nos quais também podem ocorrer agressões, ameaças e intimidações que presumivelmente interferem nas relações que ocorrem nos espaços escolares seja com estudantes, funcionários ou educadores. Além disso, percebe-se que estes ambientes são mais atrativos que o ambiente escolar, pois o uso deles compete significativamente com o tempo de estudo.

Em um estudo realizado em Anambra, na Nigéria, com 1.500 alunos de escolas do Ensino Médio, constatou-se que a rede social *online* tem influência negativa na conquista acadêmica, além de prejudicar o processo de atenção dos estudantes, provocando dependência destas redes, distração, declínio no hábito do estudo e uso pobre da língua inglesa (UNACHUCKWU;

EMENIKE, 2016). Neste sentido, compete também investigar a relação entre a indisciplina e o uso das redes sociais por estudantes brasileiros.

Ultrapassando a visão focada no estudante, compreende-se que a indisciplina também pode estar presente nas relações pessoais e nas práticas pedagógicas de todos os atores educacionais (professores, estudantes, familiares, equipe técnica e demais servidores/funcionários), interferindo diretamente no processo de ensino-aprendizagem que é a incumbência principal da escola, competindo à instituição escolar, em sua totalidade, a missão de gerir as relações interpessoais. Portanto a indisciplina será abordada, nesta pesquisa, em uma visão ampliada e multifatorial.

Cabe igualmente esclarecer que o conceito de indisciplina aqui abordado não está centrado unicamente no processo de comunicação interpessoal, mas em qualquer tipo de comportamento que interfira de modo oposto ao que visa o processo de ensino-aprendizagem, envolvendo, por exemplo, atos de agressividade, inassiduidade, displicência com as tarefas escolares e ausência de rotina de estudo.

Sendo a indisciplina presente no cotidiano educacional e sabendo que o comportamento indisciplinado precisa ser gerido pela coletividade da instituição escolar, assim como se fazem necessárias ações que englobem a prevenção e a intervenção sobre o comportamento dos atores escolares, cabe investigar como as fontes literárias abordam a relação entre indisciplina escolar e o uso de redes sociais. Salienta-se que este trabalho é resultado da fundamentação teórica do projeto de pesquisa A relação entre Indisciplina Escolar e o Uso das Redes Sociais na Percepção de Estudantes de Cursos Técnico Integrados do Instituto Federal da Paraíba – Câmpus Campina Grande, fomentado pelo programa INTERCONNECTA – 2018.

Acrescenta-se que a literatura especializada sobre a gestão da (in)disciplina traz muitas contribuições para a gestão do comportamento, por parte do professor (ANTUNES, 2009; ANTUNES, 2010). No entanto, quando consultadas as publicações no banco de dados de teses e dissertações da CAPES, até a presente data, não se verifica a evidência de pesquisas sobre a relação entre redes sociais e indisciplina, especialmente no que tange a atmosfera dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia.

No que tange ao processo de gestão, adota-se a definição utilizada por Barceló e Guillot (2013, tradução nossa) que definem gestão como a organização de recursos para que se alcance um resultado eficiente e efetivo. Esta perspectiva visa contribuir no debate sobre os processos de gestão acadêmica e das relações interpessoais nos espaços escolares.

2 Metodologia

Este trabalho se caracteriza, quanto aos objetivos, como uma pesquisa explicativa. A pesquisa explicativa tem como objetivo identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos (GIL, 1999).

A pesquisa bibliográfica também caracteriza esta pesquisa. De acordo com Severino (2007) na pesquisa bibliográfica são utilizados dados ou categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e que já estão devidamente registrados.

A população constituiu-se de acervo literário disponível, assim como de material disponível em meio eletrônico. A amostra foi composta de 23 fontes de pesquisa, incluindo livros, artigos de revistas eletrônicas e de Anais de eventos e documento institucional.

Na pesquisa foi utilizada como instrumento a catalogação de fontes que abordam os seguintes assuntos: indisciplina, redes sociais, processos de gestão. Os dados foram digitados e armazenados em computador com Windows 7, utilizando o programa Microsoft Word 2010.

A pesquisa foi realizada entre os meses de janeiro e julho de 2018. Foram catalogados todos os livros, artigos e trabalhos com referências aos temas propostos. Posteriormente, realizou-se a leitura, análise do material e a confecção de resumos, a fim de estruturar a revisão bibliográfica. Em seguida, a partir da abordagem dos diversos autores, os dados foram analisados e discutidos.

As referências que arranjam este trabalho foram analisadas de acordo com a metodologia para análise de exposições teóricas e segue determinados passos de análise textual: a **delimitação da unidade de leitura** que consiste no estabelecimento de uma parte do texto (capítulos, por exemplo) que forme uma unidade de sentido para que se possa trabalhar sobre ela; a **análise textual** que tem como objetivo permitir ao leitor uma visão ampliada sobre o raciocínio do autor; a **análise temática** a qual conduz o leitor a encontrar respostas sobre: o assunto, a problematização do assunto e a ideia central defendida pelo autor; a **análise interpretativa** que é a posição própria do leitor sobre as ideias do autor; a **problematização** que visa ao levantamento de problemas para discussão e a **síntese pessoal** (SEVERINO, 2007, grifo nosso).

3 A indisciplina escolar e as redes sociais e o processo de gestão da indisciplina

Para se pesquisar sobre a indisciplina discente no espaço escolar é necessário compreender os diversos pontos que a permeiam.

Reis (2013) retrata uma pesquisa realizada em 2011 no município de Contagem, Minas Gerais, com

uma amostra de 678 alunos, de idade entre 13 e 15, com o objetivo de analisar as vulnerabilidades à saúde na adolescência, associadas às condições socioeconômicas, redes sociais, drogas e violência.

Como resultado obteve-se que 14,6% dos jovens trabalhavam em seu tempo livre; já haviam experimentado bebida alcoólica (57,1%) e tabaco (23,6%). Identificou-se também que 15% já haviam sofrido de agressões e 26,7% foram acometidos de *bullying*. Sobre as relações sociais, a grande maioria informou nunca/raramente conversar com os pais sobre as dificuldades cotidianas (64,5%) e 22% das adolescentes relataram insônia e/ou sentimento de solidão (REIS, 2013).

Portanto, avalia-se como possível que fatores pertinentes à vida dos adolescentes, como o trabalho, o consumo de drogas, o *bullying* e ausência de diálogo com os pais podem ser causas de indisciplina escolar.

Neste sentido, como é possível gerir a indisciplina escolar, suas causas e consequências? Gotzens (2003) descreve algumas sugestões que servem como guia para o planejamento e a solução de problemas de disciplina escolar. Neste quesito destaca que existem três tipos de conhecimento sobre disciplina escolar que um educador deve ter: o conhecimento científico, que engloba o conceito, modelos, recursos e estratégias; o conhecimento legal-administrativo, o qual consiste nas leis, decretos, regulamentos, comissões e organismos que atuam sobre o tema; e o conhecimento contextualizado, representado pelo conhecimento sobre o aluno, o currículo, o próprio professor, a escola e o ambiente sociofamiliar.

Além disso, a definição do termo indisciplina é uma questão essencial para que se possa investigá-la. Parrat – Dayan (2009) refere-se à indisciplina como uma infração ao regulamento interno, uma falta de civilidade e uma agressão às boas maneiras, e principalmente a manifestação de um conflito.

Sobre os focos da indisciplina, Vasconcellos (1997) afirma que ela é um processo que agrega muitos fatores: o desinteresse do aluno (proveniente, por exemplo, da influência midiática externa ao ambiente escolar geralmente mais atrativa que a escola); a família que não cumpre com o papel de educar para os limites; a escola que não apoia o professor pedagogicamente e a influência da desorganização da sociedade.

Mais especificamente a respeito da influência da sociedade no comportamento de estudantes, destacam-se as redes sociais. Neste âmbito, a pesquisa de Carrano (2017) com discentes e docentes de uma escola pública de Ensino Médio no município do Rio de Janeiro constatou que os alunos, quando entram na internet, primeiramente acessam as redes sociais (55,4%),

geralmente com uma frequência de mais de 11 horas semanais para acessar estas redes; reservam apenas um pequeno espaço de tempo (4,1%) para realizarem pesquisas escolares; em sua maioria navegam para tratar de questões pessoais (78%); além do mais consideram que o uso destes ambientes pela instituição escolar poderia melhorar o desempenho dos estudantes (55%), considerando que estes espaços são subutilizados pela escola.

De forma complementar, a pesquisa de Reis (2013) evidencia claramente que os adolescentes estabelecem uma ampla rede social composta, principalmente, por amigos do âmbito escolar e por aqueles que integram os espaços sociais da *web*, a exemplo do *Facebook*, pois a adolescência é um período no qual a companhia dos pais ou familiares, em geral, não se faz suficiente, impulsionando os adolescentes a buscar ampliação de sua rede de amigos. Embora os resultados da pesquisa tenham evidenciado, entre os participantes, ampla rede de amigos, uma proporção considerável de adolescentes relatou já ter vivenciado o sentimento de solidão. Essa sensação, assim como os distúrbios do sono, que também foram relatados pelos entrevistados, demonstra que os agravos à saúde mental na adolescência são relevantes no planejamento da atenção à saúde desse grupo. Neste estudo, essas situações foram associadas à preocupação com fatos cotidianos, o que pode ser consequência do pouco diálogo com os pais/responsáveis, relatado pela maioria dos participantes. Com base nisso podemos ver que os alunos se distanciam do foco de estudo por interesse em algo que lhe chame mais atenção.

Reis (2013) realça em sua pesquisa que as redes sociais digitais, jogos e televisão apresentaram-se como dispositivos de lazer, comunicação e socialização fortemente utilizados pelos adolescentes investigados. Destaca-se que as ferramentas da *web*, a exemplo das redes sociais, parecem emergir como um veículo de alto potencial para as práticas de educação em saúde voltadas para esse grupo, assim como a televisão. Evidencia-se, também a necessidade de investimento em ações de saúde que busquem desenvolver, além das competências cognitivas, ligadas à ampliação do nível conceitual dos adolescentes sobre temas de saúde, as competências afetivas e sociais que levem a melhorias na forma como esse grupo se posicionam diante de questões de vulnerabilidade a saúde do adolescente.

Desta forma, as redes sociais se apresentam como uma potencial ferramenta educativa, contudo subutilizada, sendo que é muitas vezes sinônimo de meio para a prática de agressões. Assim, Lima et al. (2015) confirma que as redes sociais têm sido muito utilizadas pelos jovens para a socialização e para a busca de informação, entretanto também para a prática de violência e segregação social.

Ao analisarem um caso de expressão de ódio nas redes sociais, Amaral e Coimbra (2015)

identificaram a ação de *haters*, que se configuram como usuários do universo das redes sociais os quais provocam a violência e o ódio nestes ambientes. Nesta investigação, as autoras observaram que *haters*, através de perfis *fakes*, posicionaram-se contra a postagem da jornalista Nana Queiroz que publicou uma foto de *topless* em frente ao Congresso Nacional para se solidarizar a uma campanha contra à prática do estupro. Esses *haters* utilizaram memes e agressões com palavrões (puta e vadia, por exemplo), pelo fato de não concordarem com a exposição corporal da jornalista, avaliando essa exposição como promíscua (AMARAL; COIMBRA, 2015).

Nota-se, então, que as discordâncias de ideias são motivos para agressões nas redes sociais, que aparenta uma falta de habilidade na comunicação e resolução de conflitos. Peter Senge (2012) destaca que quando não existe a visão compartilhada em um determinado grupo, apresentam-se duas ferramentas que contribuem para a aprendizagem grupal: o diálogo e a discussão. Pelo diálogo, promove-se uma escuta profunda à fala do outro, juntamente com a suspensão do ponto de vista pessoal, permitindo a exploração livre e criativa de assuntos complexos e delicados. Na discussão, ocorre a apresentação e defesa dos diferentes pontos de vista, na busca de se encontrar a melhor visão que sustente as decisões que precisam ser tomadas.

Frente a essa demanda atual dos estudantes, muitas vezes as ações dos pais e das instituições de educação não são eficientes, como se observa numa pesquisa de viés psicanalítico, a qual ressalta que pais e professores se queixam de perder o controle dos alunos, pois estes ficam constantemente conectados aos aparelhos e às redes sociais. Neste sentido, a escola frequentemente volta-se para buscar o controle dessa situação pela proibição do uso no espaço físico escolar, contudo não conseguem obter êxito já que os discentes continuam a usá-los, pois não se desapegam facilmente daquilo que promove prazer (LIMA et al., 2015).

Além dessas questões expostas sobre o uso das redes sociais, o que se pensa da escola também aparece como tema comum nestes ambientes virtuais. Miranda, Carvalho e Pacheco (2015) analisaram postagens de estudantes em páginas do *Facebook* que tinham como finalidade tratar de assuntos relacionados à escola, e identificaram que os jovens utilizam as redes sociais para expressar o que acham desta instituição, abordando, com frequência, o aparente descompasso entre os objetivos destas instituições e os interesses dos alunos. Verificou-se também que as postagens nessa temática tem como objetivo causar a sensação de pertencimento e provocar risos, além do mais elas acabam sendo comentadas e compartilhadas por outros usuários que não pertencem ao grupo específico onde foi exibida.

Todavia, as redes sociais não podem ser consideradas apenas como ambientes em que ocorrem conflitos. As mídias sociais também são ferramentas que contribuem para agregar ideias e ações que melhorem a qualidade de vida em sociedade. Assim, aponta Shirky, quando aborda o uso do tempo livre/excedente nas redes sociais (2011):

As pessoas querem fazer algo para transformar o mundo em um lugar melhor. Ajudam, quando convidadas a fazê-lo. O acesso a ferramentas baratas e flexíveis remove a maioria das barreiras para tentar coisas novas. Você não precisa de supercomputadores para direcionar o excedente cognitivo; simples telefones são suficientes. Mas uma das lições mais importantes é esta: quando você tiver descoberto como direcionar o excedente de modo que as pessoas se importem, outros podem reproduzir sua técnica, cada vez mais, por todo o mundo. (SHIRKY, 2011, p.21).

Então, como a escola pode gerir estes processos relacionais de modo a promover relações sociais com o foco no bem coletivo? A perspectiva adotada nesta pesquisa, no que tange a gestão da indisciplina, tem como objetivo enfatizar a contribuição da escola em ações que favoreçam o melhor desempenho do estudante no contexto do processo de ensino-aprendizagem. Neste sentido, Lück (2009) defende a gestão da disciplina escolar, ao explicar que esta missão está associada ao melhor desempenho na aprendizagem e na formação cidadã do discente. Destaca ainda que a disciplina não equivale ao ensino de um comportamento dócil, silencioso e a ordem, pois nem sempre esses comportamentos são sinônimos de desenvolvimento do estudante, mas associa a disciplina ao estímulo à capacidade de apreensão e resolução de problemas que envolvem determinados objetivos.

Portanto, a visão de gestão da indisciplina escolar está condizente com a proposta de Educação para a Cidadania Global (ECG) que reconhece o papel da educação em ir além do desenvolvimento do conhecimento e de habilidades cognitivas e busca criar um marco paradigmático para que a educação possa contribuir para desenvolver conhecimentos e habilidades, valores e atitudes de que os alunos precisam para assegurar um mundo mais justo, pacífico, tolerante, inclusivo, seguro e sustentável (UNESCO, 2015). Dentre as habilidades sugeridas pela ECG, destacam-se:

- habilidades cognitivas para pensar criticamente, de modo sistêmico e com criatividade, compreendendo a adoção de uma abordagem de multiperspectivas que distinga as diferentes dimensões, perspectivas e ângulos dos temas;
- habilidades não cognitivas, abrangendo habilidades sociais, como a empatia e a resolução de conflitos, habilidades de comunicação e capacidades de construção de redes

(networking) e de interação com pessoas com diferentes experiências, origens, culturas e perspectivas; e

- capacidades comportamentais para atuar de forma colaborativa e responsável a fim de encontrar soluções globais para desafios globais, bem como para lutar pelo bem coletivo. (UNESCO, 2015).

Nota-se que a ECG compreende a educação sentido amplo, cuja função transcende a ministração de conteúdos, passando também à formação de indivíduos com habilidades intelectuais e sociais necessários a uma convivência que, mesmo com a existência de diferenças, tenha como meta o bem coletivo. As redes sociais também se configuram como um campo de relações, assim, compete à instituição educativa propiciar espaços para ações que fomentem o desenvolvimento de habilidades e capacidades relacionais em espaços virtuais.

Mediante as definições e a aplicação dos termos gestão e administração, compreende-se que a gestão/administração da indisciplina não é equivalente à repressão ou autoritarismo, de modo a desconsiderar a autonomia de pensamento e ação dos estudantes, mas um meio de educar os jovens a conduzir o próprio comportamento para que este contribua de forma eficaz com o processo de ensino-aprendizagem. Revela-se a função democrática e dialógica em que a gestão/administração escolar está inserida. Conteúdos e comportamentos se entrelaçam neste aspecto da gestão escolar.

4 Considerações Finais

A instituição escolar é muito mais que um ambiente no qual conteúdos são ministrados, mas também um lugar onde as relações interpessoais precisam ser matéria a ser discutida a fim de que cidadãos possam ser formados. Então, observa-se que a liberdade individual precisa estar sob a tutela de regras que potencializem o convívio social. Para tanto, a indisciplina consiste em um tema a ser gerido em qualquer escola.

As redes sociais, mesmo sendo espaços virtuais, precisam ser alvo da gestão disciplinar, já que frequentemente os jovens passam uma grande parte do tempo nestas e, além de ser um espaço de socialização e aprendizagem, também pode ser um ambiente onde agressões ocorram. Então, avalia-se que o mal uso do tempo e agressões ocorridas em espaços virtuais interferem na vida dos jovens e, conseqüentemente, também interferem na vida escolar.

Para tanto, sugere-se uma investigação sobre a associação entre redes sociais e aprendizagem e esta se faz pertinente, já que encontrar formas de uso das mídias sociais que não sejam concorrentes com o processo de

aprendizagem escolar é uma tarefa de humanização da escola.

Referências

- AMARAL, Adriana; COIMBRA, Michele. Expressões de ódio nos sites de redes sociais: o universo dos *haters* no caso #euñãomereçoserestuprada. **Contemporânea**: revista de comunicação e cultura, Salvador: UFBA, v.13, n.1 2, p.294-310, 2015. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/14010/9879>>. Acesso em: 18 maio 2018.
- ANTUNES, Celso. **Professores e Professauros**: reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- _____. **Professor bonzinho = aluno difícil**: a questão da indisciplina em sala de aula. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3. reimp. da 1. ed. de 2016. Lisboa: Edições 70, 2016.
- BARCELÓ, Miguel; GUILLOT, Sergi. **Gestión de proyectos complejos**: una guía para la innovación y el emprendimiento. Madrid: Ediciones Pirámide, 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- CARRANO, Paulo Cezar Rodrigues. Redes sociais de internet numa escola de ensino médio: entre aprendizagens mútuas e conhecimentos escolares. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 395-421, abr./jun. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2017v35n2p395>>. Acesso em: 19 jan. 2018.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GOTZENS, Concepción. **A disciplina escolar**: prevenção e intervenção nos problemas de comportamento. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- LIMA, Nádia Laguárdia de. et al. Psicanálise, Educação e Redes Sociais Virtuais: escutando os adolescentes na escola. **Estilos da clínica**. São Paulo, v. 20, n.3, set./dez. 2015, p. 421-440. Disponível em: <www.periodicos.usp.br/estic/article/download/117763/115409>. Acesso em: 18 jan. 2018.
- LÜCK, Heloísa. **Dimensões de gestão escolar e suas competências**. Curitiba: Positivo, 2009.
- MIRANDA, Luciana A. de; CARVALHO, Manuela Azevedo; PACHECO, Lílian Miranda Bastos. As Relações na Escola na Era Digital: descompassos, descontextos. **Pedagogia em**

Foco. v. 10, n. 4, p. 185-200, jul./dez. 2015. Disponível em:
<<http://revista.facfama.edu.br/index.php/PedF/article/view/160>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

OLIVEIRA, Cleide Ester de. et al. Violência escolar no Brasil: desafios em curso na educação do século XXI. In: 6º Congresso Ibero-Americano em investigação qualitativa. (CIAIQ). Atas... Mato Grosso: IFMT, 2017, p. 1844 - 1855. Disponível em: <[v. 1 \(2017\): Atas - Investigação Qualitativa em Educação](#)>. Acesso em: 16 maio 2018.

PARRAT-DAYAN, Silva. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: Contexto, 2009.

REIS, Dener Carlos dos. et al. Vulnerabilidades à saúde na adolescência: condições socioeconômicas, redes sociais, drogas e violência. **Revista Latino-Americana de Enfermagem** [Internet]. Mar.- abr. 2013. (2): [09 telas]. Disponível em: <www.eerp.usp.br/rlae>. Acesso em: 13 maio 2018.

SENGE, Peter M. **A quinta disciplina: arte e prática da organização que aprende**. 28. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2012.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SHIRKY, Clay. **A Cultura da Participação: criatividade e generosidade no mundo conectado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

UNACHUCKWU, Glad. O.; EMENIKE, Chioma B. Online Social Network Usage and Influence on Academic Achievement on Secondary School Students in Anambra State, Nigeria-Implications for School Administrators. **International Educational Scientific Research Journal**. v.2, n. 8, Ahmedabad, Gujarat (India), 2016. Disponível em: <https://www.iesrj.com/archive-sub?detail=ONLINE_SOCIAL_NETWORK_USA>. Acesso em: 15 fev. 2018.

UNESCO. **Educação para a cidadania global: preparando alunos para os desafios do século XXI**. Brasília: UNESCO, 2015.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Indisciplina e disciplina escolar: fundamentos para o trabalho docente**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. **Os desafios da indisciplina em sala de aula e na escola**. Série Idéias, n. 28. São Paulo: FDE, 1997. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_28_p227-252_c.pdf>. Acesso em: 22 maio 2009.